

Análise da tecno-tipologia da indústria de pedra lascada da anta dos Mosteiros, Castelo de Vide (Portugal): uma primeira abordagem

Nuno FARIA⁷

Mariana DINIZ⁸

Resumo

Durante todo o seu percurso académico, foi sempre valorizada a área onde cresceu e viveu um dos autores (NF), realizando trabalhos académicos sobre os vários períodos arqueológicos e os vestígios que o concelho de Castelo de Vide possui.

Neste trajecto surge este artigo que tem como objetivo re-analisar o vasto conjunto de pedra lascada da Anta dos Mosteiros, não esquecendo os estudos já realizados, utilizando aqui os pressupostos clássicos da Arqueologia: contar, medir, pesar e classificar. Estes novos resultados são o início de um trabalho que pretende identificar a circulação de matérias-primas, protótipos e materiais acabados (endógenos ou exógenos), identificar tipologias e cronologias de uso, inserindo a Anta dos Mosteiros no Megalitismo do Alto Alentejo.

Palavras-Chave: Megalitismo; Indústria Lítica; Norte Alentejo; Castelo de Vide.

Abstract

Throughout his academic career, one of the authors (NF) has always valued the area where he grew up and lived, doing academic work on the various archaeological periods and the remains that the municipality of Castelo de Vide has.

In this way arises this article that aims to re-analyze the vast set of flaked stone tools of the Anta dos Mosteiros, not forgetting the studies already carried out, using here the classical assumptions of Archaeology: count, measure, weigh and classify. These new results are the beginning of a work that aims to identify the circulation of raw materials, prototypes and finished materials (endogenous or exogenous), identify typologies and chronologies of use, inserting the Anta dos Mosteiros in the Megalithism of Alto Alentejo.

Key words: Megalithism, Lithic Industry, Northern Alentejo, Castelo de Vide

⁷Aluno de Mestrado em Arqueologia da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa (nunofaria263@gmail.com)

⁸ UNIARQ - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (m.diniz@letras.ulisboa.pt)

1. Introdução e Enquadramento

O estudo do Megalitismo alentejano desde muito cedo despertou o interesse de humanistas e religiosos, que tentaram interpretar estas estruturas como sendo divinas ou construções humanas. Desde muito cedo, que os pensadores do passado e os monumentos megalíticos despertaram em nós um interesse profundo. Com esta motivação, decidimos estudar um monumento que outrora ligou, de uma forma ou de outra, sociedades do 3º milénio e que ainda hoje nos liga emocionalmente a uma paisagem e aos seus habitantes.

O Concelho de Castelo de Vide, onde a Anta dos Mosteiros se localiza, é caracterizado por uma variabilidade morfológica, inserindo-se no parque natural da Serra de São Mamede, na zona Sul do concelho, adquirindo altitudes elevadas, com o ponto mais alto a 780m, e zonas mais planas ou com pequenas cumeadas, ou cabeços, como são conhecidos localmente, com cotas que variam entre 220m e 280m (Paroleiro, 2016: 13). Geologicamente, destaca-se a dicotomia entre os xistos mosqueados, a Norte e os granitos de grão grosseiro a Sul, e ainda a crista quartzítica onde se encontra implantada a vila de Castelo de Vide (Anexo 1, figura 2). Existem ainda algumas formações de aluvião, compostas por cascalheiras e areias perto dos principais cursos de água (Paroleiro, 2016: 14).

A Anta dos Mosteiros, localizada na freguesia de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, concelho de Castelo de Vide, é rodeada pela ribeira do Pai Anes (Norte), Piçarra (Este) e Mosteiros (Oeste). Encontra-se implantada a uma cota de 306m (Oliveira, 1999/200, p. 241), em solos que, geologicamente, tanto apresentam xistos mosqueados como granitos de grãos grosseiros. Isto acontece porque a anta encontra-se numa zona de transição de rochas, porém, nas suas proximidades, possui filões de basalto, quartzo leitoso e quartzo hialino (Anexo 1, figura 2). É um dos monumentos megalíticos mais notáveis do concelho, contendo um dos espólios mais ricos e variados. Possui uma câmara com diâmetro de 5,80m considerada muito grande, com 8 esteios, dos quais 7 *in situ*; um corredor com 9,20m de comprimento considerado longo, com 6 esteios *in situ*, não possui esteio de cobertura e a mamoa encontra-se preservada (Anexo 1, figura 3) (Paroleiro, 2016).

2. Metodologias e Materiais

Este trabalho iniciou-se com a construção de um dos inventários dos materiais de pedra lascada da Anta dos Mosteiros. Para este inventário foram utilizados, globalmente, os critérios descritivos expostos por Catarina Costeira (2017), as bases das **pontas de seta e das pontas de lança seguiram a proposta de Stašo Forenbaher (1999)**. A descrição das alterações segue Diniz, M. (2007), para todos os outros critérios descritivos - dimensões, inclinações, morfologia do retoque, assim como a classificação dos tipos de talões, utilizou-se a obra de Inizan, M. et al (1995). A elaboração dos desenhos foi feita segundo as normas apresentadas por F. Sousa (1999). O Adobe Illustrator foi utilizado para desenhar e digitalizar os desenhos arqueológicos. Foi usada também uma Lupa Binocular (Olympus SZ61) para a observação da matéria prima dos materiais, e uma máquina fotográfica para o registo dos respetivos materiais.

Os materiais recolhidos na Anta dos Mosteiros provêm das escavações realizadas pelo Grupo de Arqueologia do Concelho de Castelo de Vide, nos anos 80, no corredor do monumento. Provêm também das escavações, mais recentes, que incidiram na mamoa e no corredor, dirigidas pelo Professor Jorge Oliveira (1999/2000).

Os materiais recolhidos constituem um conjunto de 22 vasos cerâmicos e fragmentos, 209 contas de colar; 17 placas de xisto; 1 Ídolo polidor; 3 machados de pedra polida; 1 **Zoomorfo**; 21 “**Outro**” 1 **fragmento de báculo**. **A Indústria de Pedra Lascada** é constituída por 190 pontas de seta; 12 lamelas; 18 pequenas lâminas; 60 lâminas; 12 fragmentos de produtos alongados; 8 geométricos; e 12 elementos foliáceos. Estes últimos materiais são o foco do nosso estudo, analisados, medidos, classificados com recurso à bibliografia acima referida.

3. História e Trabalhos anteriores

Os primeiros trabalhos documentados na Anta dos Mosteiros foram realizados, como já referido, pelo Grupo de Arqueologia do Concelho de Castelo de Vide, em 1982. Dessa escavação, resultou uma grande quantidade de materiais, que foram registrados em cadernos de campo, com croquis que mostram a sua localização, no monumento.

Posteriormente, em 1994/1995 foram realizadas duas outras campanhas de escavação, sob a direção do Professor Jorge Oliveira, que contratou trabalhadoras locais, para escavarem o corredor e a mamoa. Desta escavação, resultaram alguns materiais. Esta

escavação permitiu a descoberta de um silo sob um esteio do corredor, sendo os resultados das campanhas apresentado na Revista de Marvão *Ibn Maruan*, n.º 9/10 (1999/2000).

Quanto ao estudo dos materiais resultantes destas três campanhas de escavação, foram publicados pelos menos duas teses e um artigo. Na primeira das teses, realizada pelo Professor Jorge Oliveira aquando do seu doutoramento (1997), estes materiais são apresentados no quadro do estudo de conjunto do Megalitismo no Norte Alentejano. Aqui, detalha-se, a partir dessa leitura, a observação sobre este conjunto específico. A segunda tese, realizada por Ana Paroleiro (2016), debruça-se, em particular, sobre os recipientes cerâmicos das Antas do Concelho de Castelo de Vide, sendo, contudo, apresentadas fichas de sítio e fotografia de quase todos os materiais. No artigo, da autoria de J. Oliveira (1999/2000), são, na forma de relatório, apresentados os resultados das escavações realizadas em 1994/1995, na Anta dos Mosteiros.

4. Estudo da Tecno-tipologia

O conjunto dos materiais líticos aqui estudado foi dividido nas categorias tipológicas seguintes: lamelas, pequenas lâminas, grandes lâminas, geométricos, pontas de seta, foliáceos, outros e observados os parâmetros: estado de conservação, características tecno-tipológicas e tratamento térmico. Na classificação das matérias-primas, ainda em fase preliminar, foram identificadas as principais categorias litológicas presentes no conjunto.

4.1. Lamelas

No caso das lamelas, estas constituem uma pequena percentagem no conjunto de pedra lascada, cerca de 12 exemplares (fig. 4), e neste capítulo iremos abordar o estado de conservação das lamelas, principais características tecno-tipológicas e tratamento térmico.

4.1.1. Estado de Conservação

Quanto ao estado de conservação, prevalecem, no conjunto as lamelas mesiais, fraturadas por flexão, à semelhança das lâminas, com 41,1% correspondendo a cerca de 8 exemplares; seguindo-se as lamelas distais e mesiais, com 23,5% cerca de 4 lamelas, a seguir, as lâminas distais, com 17,6%, e por fim, as lamelas proximais, com 11,8% (2 lamelas), (gráfico 1). As lamelas apresentam pouca expressão no conjunto em análise, apresentando, porém, as mesmas características, quanto ao estado de conservação,

que as lâminas. também estas em maior percentagem em estado mesial e mesial/distal, do que proximal.

4.1.2. Características tecno-tipológicas das lamelas

Quanto às características tecno-tipológicas das lamelas, estas apresentam um comprimento entre 3,4 cm e 0,9 cm; e uma largura entre 0,6 e os 1,3 cm (gráfico 2). Quanto aos talões presentes nos dois fragmentos com parte proximal, estes correspondem a um talão liso presente na peça N° TM 51 e um talão do chapéu de Gendarme da peça N° TM 52 (fig. 4). Este último talão, comum em ambientes calcolíticos, é semelhante ao encontrado nas lâminas de grandes dimensões. No caso dos retoques, estes apresentam uma inclinação abrupta ou semi-abrupta, e alguns exemplares uma inclinação rasante, quase sempre com uma extensão marginal ou invasora. É de notar o grande número de lamelas sem qualquer tipo de retoque. Quanto às seções, são maioritariamente triangulares ou trapezoidais, e os bordos paralelos ou convergentes.

4.1.3. Tratamento Térmico das Lamelas

As lamelas, a nível do tratamento térmico, apresentam um tratamento muito controlado, sem grandes sinais de estalamento ou perda de massa. Destaca-se a falta de tratamento térmico de 4 das lamelas e uma com perda de massa suave, sendo apenas visível uma pequena cratera, tipo potlid (gráfico 3).

4.2. Pequenas Lâminas

Consideram-se pequenas lâminas, as peças com uma largura entre 1,2 e 1,5 cm, correspondentes a 18 exemplares, abaixo descritos (fig. 5).

4.2.1. Estado de Conservação

As pequenas lâminas apresentam semelhanças nítidas com as lamelas, quanto ao estado de conservação e processos de fracturação. São quase todas fragmentos da zona mesial, totalizando sete/cerca de metade dos exemplares, seguidas dos fragmentos da zona distal, com três, e pelas zonas proximal e proximal/mesial (Gráfico 4). Estas fracturas, assim como as das lamelas, são causadas por flexão, sendo possível visualizar os negativos/positivos deste processo.

4.2.2. Características tecno-tipológicas das pequenas lâminas

As pequenas lâminas apresentam comprimentos conservados balizadas entre 1 e 4 cm, havendo uma com 6 cm. As larguras encontram-se entre os 1,2 e 1,5 cm, (gráfico 5). Estas medidas estão, portanto, muito padronizadas.

Os retoques presentes nas pequenas lâminas são marginais abruptos, invasores semi-abruptos e, a grande maioria, não apresenta retoque. Os perfis dos fragmentos mesiais são direitos e nos fragmentos distais são curvos ou direitos, os bordos são paralelos, regulares, irregulares ou convergentes. Os três fragmentos proximais apresentam um **talão liso, facetado e “chapéu de gendarme”**.

4.2.3. Tratamento Térmico

As pequenas lâminas apresentam um tratamento térmico controlado, em nove exemplares; mais da metade do número restante é composta por peças com perda de massa suave e média ou com sinais de estalamento. Abaixo, no gráfico 6, estão registados os números deste tratamento térmico descontrolado, visível nas pequenas e nas grandes lâminas.

4.3. As Grandes Lâminas

As 60 grandes lâminas, que apresentam mais de 1,5 cm de largura, correspondem ao segundo maior grupo tipológico - depois das pontas de seta - recuperado na Anta dos Mosteiros (Anexo 4), e são abaixo descritas.

4.3.1. Estado de Conservação

Como já foi referido, integram-se nas grandes lâminas, à semelhança das lamelas e das pequenas lâminas, fragmentos mesiais, maioritariamente fracturadas por flexão, cerca de 52,4%, apresentando ainda os estigmas negativos, ou positivos, dessa fracturação intencional. Destacam-se também as zonas distais/mesiais e mesiais/proximais, com 20,6% e 14,3%, respectivamente. Os fragmentos proximais e distais apresentam pouca relevância, sendo 7,9% do conjunto. Existe apenas uma lâmina inteira, (gráfico 7). Estas lâminas, apesar de abundantes e muito fraturadas, não apresentam colagens diretas, como já notado por J. Oliveira (1997: 529).

4.3.2. Características tecno-tipológicas das grandes lâminas

O conjunto das grandes lâminas apresenta uma padronização nas medidas, tanto na largura como no comprimento conservado, destacando-se fundamentalmente a largura de alguns destes exemplares, em torno e superiores, a 2cm (gráfico 8). À semelhança do que aconteceu com as lamelas e as pequenas lâminas, refira-se a

acentuada padronização das medidas das grandes lâminas, tópico a discutir noutra ocasião.

Os perfis das zonas mesiais das grandes lâminas são maioritariamente direitos. No caso dos perfis das zonas distais, estes são direitos ou curvos. Os talões dos 12 fragmentos **proximais correspondem a um talão cortical; seis diedros; três “chapéu de gendarme”;** dois lisos e um talão de asa de pássaro. Destes, foram desenhadas três peças com talão “chapéu de gendarme” (TM 106; 74; 93), um talão diedro (TM 72), e um de asa de pássaro (TM 75). O talhe destas grandes lâminas parece ser realizado em suportes já descorticados, contudo duas das peças apresentam córtex (TM 15 e 566). No conjunto, estão também registados acidentes de talhe, nomeadamente, ultrapassagens (fig. 6).

A nível dos retoques, apresentam uma tendência marginal abrupta ou semi-abrupta, seguida de bifaciais abruptas e bifaciais marginais e cobridoras. Os restantes retoques apresentam menos expressão, (gráfico 9). É importante destacar que cerca de 32 das 60 lâminas do conjunto não apresentam retoques. Existem lâminas com reavivamento dos gumes, que poderão estar associados a traços de utilização, que só estudos traceológicos poderão confirmar, porém estes reavivamentos dos gumes são visíveis nas peças TM 507 e 568.

4.3.3. Tratamento Térmico

O tratamento térmico das grandes lâminas, ao contrário das lamelas, é maioritariamente descontrolado, destacando-se o estalamento das peças ou a perda de massa suave, média e por vezes intensa. Não obstante, 15 das 60 lâminas não apresenta qualquer tipo de tratamento térmico e 13 destas apresentam um tratamento térmico controlado (gráfico 10).

Como veremos mais adiante, este calor intenso desigual que se verifica na grande maioria das lâminas e dos elementos foliáceos, poderá estar relacionado com o calor a que estas estiveram sujeitas em momentos distintos da sua vida, mas também com a maior ou menor exposição das peças a este calor intenso, e algumas peças que apresentam vitrificação também na zona da fractura apontam nesse sentido (peças nº 16; 18; 32; 43; 74; 84; 86; 105 e 573).

4.4. Geométricos

Os geométricos (fig. 7), constituem apenas uma pequena parte da indústria de pedra lascada. Neste caso, como é possível observar no gráfico 11, foram identificados 8

geométricos, os quais apresentam medidas muito semelhantes e padronizadas, destacando-se a existência de um geométrico de dimensões microlíticas. Lamelas e pequenas lâminas foram utilizadas no fabrico dos geométricos, e em alguns exemplares ainda é visível a fracturação por flexão. Por regra, apresentam a truncatura superior retocada. Quanto às bases, estas são maioritariamente planas ou côncavas, havendo um de base oblíqua. Os geométricos, como acontece em outros monumentos megalíticos onde estão presentes, constituem um grupo de muito pequena dimensão, quando comparado com o das pontas de seta.

4.5. Pontas de Seta

As pontas de seta, conjunto constituído por 190 exemplares, correspondem a grande parte do conjunto lítico recuperado na Anta dos Mosteiros. Apresentam-se de seguida o seu estado de conservação, a tipologia das bases, dos retoques e as suas medidas (fig. 8).

4.5.1. Estado de Conservação

Quanto ao estado de conservação das pontas de seta, as pontas inteiras representam 135 pontas de seta (71,8%), seguindo-se as pontas de seta que apenas apresentam a zona distal e mesial, com 16 pontas (8,5%). Com números muito semelhantes, destacam-se as pontas com a zona mesial e proximal preservadas com 9 pontas de seta (4,8%). As que apenas apresentam a zona mesial, representam cerca de 8 pontas de seta (4,3%). Os fragmentos são, neste conjunto, muito raros. (Gráfico 12).

4.5.2. Características tecno-tipológicas das Pontas de Seta

Relativamente à tipologia das bases das pontas de seta, temos uma prevalência das pontas com bases planas com 29 pontas de seta, seguidas da bases com dupla chanfradura e espigão com 23 exemplares; depois as pontas com bases triangulares; bases triangulares com aletas e foliáceas com 21 pontas; a seguir as pontas com bases côncavas com 17 e as pontas com bases convexas com 15. As restantes bases apresentam pouca expressão, sendo as bases convexas com aletas, convexas com aletas, indeterminadas, planas com aletas e irregulares (Gráfico 13). Estas bases das pontas de seta são todas tipologias dos contextos Neolítico Final/Calcolítico, e típicas dos monumentos megalíticos.

As medidas das 190 pontas de seta, apresentadas no Gráfico 14, permite-nos constatar que existe uma relativa padronização quanto ao comprimento e a largura das pontas,

mas também em alguns casos uma miniaturização das mesmas, sendo que as pontas com maior dimensão possuem entre 4 e 5 cm de comprimento e são apenas nove exemplares de 190. A grande maioria das pontas de seta apresenta dimensões balizadas entre os 2 - 3 cm de comprimento, o que demonstra a preferência por exemplares de pequena dimensão. No campo da espessura regista-se uma grande percentagem de pontas com uma espessura considerável entre 0,3 e 0,4 cm, o que demonstra pouco investimento no retoque e desbaste do suporte na criação das pontas. Isto é sobretudo visível nos exemplares em que ainda é possível visualizar o suporte sobre lâmina, base da ponta de seta.

A tipologia dos retoques das pontas de seta é de suma importância, pois permite observar o tempo investido no "desbaste" das peças, para atingirem uma espessura e uma funcionalidade específicas. Como é visível, no gráfico 15, os retoques são fundamentalmente marginais ou invasores e marginais bifaciais, permitindo-nos concluir que grande parte das pontas de seta apresentam um retoque só nas extremidades, ou atingindo menos de metade da superfície da peça, quase como um esboço, uma ideia de ponta de seta, mais do que um utensílio plenamente finalizado.

4.5.3. Tratamento Térmico das pontas de seta

A nível do tratamento térmico, as pontas de seta apresentam um tratamento térmico controlado apresentando o brilho característico, ao contrário do que acontece com as lâminas, que apresentam um tratamento térmico não controlado, mostrando marcas de estaleamento perda de massa, temática anteriormente abordada.

4.6. Foliáceos

Os elementos foliáceos presentes na Anta dos Mosteiros correspondem a fragmentos inclassificáveis que devem pertencer a alabardas e punhais. Ao elevado grau de fragmentação destas peças, que impossibilita uma classificação/descrição mais exacta, acrescente-se o aquecimento descontrolado que sofreram, responsável pela perda de massa e estalamento da superfície que apresentam. Contudo, é possível verificar a existência de um fragmento proximal e distal de uma alabarda que foi reconstituída. Os elementos foram inclusivamente fotografados e medidos (gráfico 16 e fig. 9).

4.7. Outros

Nesta categoria, englobamos os materiais líticos não talhados, fragmentos, manuportes de óxido de ferro, esboços em construção, entre os quais se destacam os cristais de

quartzo hialino, recolhidos no seu estado natural e colocados no interior do monumento megalítico, com um possível papel simbólico, de difícil definição (fig. 10).

5. Matéria-prima - classificação preliminar

Alguns dos materiais foram analisados sob lupa binocular (Olympus SZ61) pela investigadora Patrícia Jordão, que classificou as principais matérias-primas usadas no talhe dos materiais de pedra lascada da Anta dos Mosteiros. Entre as matérias-primas presentes destaca-se a existência de sílex, chert, xisto jaspóide, arenitos de grão grosseiro e grão fino, lidito (fig. 11). Ainda em fase preliminar, esta classificação permite identificar a existência de rede de trocas a nível regional/local, mas também de longo curso entre a Estremadura Portuguesa e o Alentejo, (Odriozola *et al.*, 2015), a precisar no futuro.

6. Leitura do Conjunto de Pedra Lascada

O conjunto da Anta dos Mosteiros caracteriza-se por uma abundância de pontas de seta de bases triangulares ou de dupla chanfradura e espigão, com um tratamento térmico controlado e um retoque marginal ou invasor abrupto ou semi abrupto, sendo em muitos dos casos visível o suporte sobre lâmina onde foram talhadas. Muitas destas pontas parecem ter sido apenas retocadas com o objetivo de dar a forma de uma ponta de seta, mais simbólico que utilitário. A questão da miniaturização das pontas de seta parece também reforçar esta ideia mais simbólica.

Existe uma escassez de geométricos sobre lâmina, sendo estes sobre lamela ou pequena lâmina. No conjunto, destacam-se as grandes lâminas, com mais de 1,5cm de largura. Estas apresentam-se fracturadas, propositadamente?, sendo visível em muitos dos casos os negativos ou os positivos dessa flexão. Estas lâminas, na sua maioria, não apresentam colagens entre si, nem retoque, e, quando o possuem, são retoques marginais abruptos ou invasores semi-abruptos, por vezes bifaciais. Estas apresentam um tratamento térmico, na sua maioria descontrolado, sendo visível, em quase todas as peças, sinais de perda de massa e estalamento, que poderá estar associado a uma maior ou menor exposição ao calor intenso das lâminas em várias fases da sua vida.

As lamelas e as pequenas lâminas são escassas, assim como os geométricos, apresentando poucos sinais de calor intenso, mas apresentando o mesmo tipo de retoques das grandes lâminas, estas também partidas intencionalmente por flexão.

Os elementos foliáceos apresentam-se muito fraturados. As fraturas foram causadas por um aquecimento descontrolado, fazendo com que as peças perdessem muita massa ou estalassem. Estes elementos são, por isso, impossíveis de classificar. Os outros, são objetos que resultam desses estalamentos, sendo fragmento de algo. Contudo, existem objetos recolhidos na natureza, como um seixo de rio e cristais de quartzo hialino, que representam para as comunidades um papel meramente simbólico e que eram colocados no monumento megalítico.

O conjunto dos materiais de pedra lascada da Anta dos Mosteiros dificilmente permite atingir o número mínimo de indivíduos aí colocados. A ausência de dados sobre a câmara funerária não permite também leituras finais do conjunto. Nesta fase, ainda preliminar da investigação, o espólio de pedra lascada, em parte talhado em rochas não-regionais, integra este monumento, ou uma fase do seu uso, no Megalitismo pleno, da transição Neolítico final - Calcolítico. As grandes lâminas, as pontas de seta funcionam aqui como fósseis-directores, numa geografia, onde o ritual funerário parece ter nos materiais de pedra lascada o seu elemento central. Hipótese a desenvolver, em trabalhos futuros.

7. Agradecimentos

Agradecemos à Câmara Municipal de Castelo de Vide, em particular ao Presidente da Câmara António Pita, todo o apoio a este projecto e ao Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide, na pessoa do senhor João Magusto, todo o auxílio prestado durante o inventário, realizado no verão de 2021.

Agradecemos a Patrícia Jordão pela disponibilidade e pela classificação petrográfica dos materiais. A César Neves o apoio com o desenho e ilustração dos materiais líticos. A Leonor Gomes e Samuel Soares, a revisão do texto.

8. Bibliografia

COSTEIRA, C. (2017) - *No 3º milénio a.n.e., o sítio de São Pedro e as dinâmicas de povoamento no Alentejo Médio*. v.2. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. (tese de doutoramento)

- DINIZ, M. (2007) – O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia*. 48. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- FORENBAHER, S. (1999) - *Production and Exchange of Bifacial Flaked Stone Artifacts During the Portuguese Chalcolithic*. Archaeopress: Oxford.
- INIZAN, M. REDURON, M. et al. (1995) - *Technologie de la pierre taillée, in Préhistoire de la Pierre Taillée, França*. Círculo de Pesquisa e Estudos Pré-históricos C.N.R.S., tomo 4.
- ODRIOZOLA, C. SOUSA, A. C. VILLALOBOS, R. OLIVEIRA, J. (2015) - *Presenças e ausências de minerais verdes no Megalitismo do Alto Alentejo: estudo analítico dos núcleos de Alter do Chão, Mitra, Castelo de Vide e Marvão*. In XI Congresso Ibérico de Arqueometria, 14-16 Outubro 2015. Universidade de Évora.
- OLIVEIRA, J. (1997) - *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Tomo I. Edição Especial Ibn-Maruan. Marvão: Colibri/Câmara Municipal. Depósito Legal nº 119125/97.
- OLIVEIRA, J. de (1999-2000) - A anta da Tapada de Matos – Castelo de Vide: intervenção arqueológica no corredor. *IBN Maruán*. Marvão: Câmara Municipal de Marvão. Nº 9-10, p.239-260.
- PAROLEIRO, A. (2016) - *Estudo dos Recipientes Cerâmicos dos Monumentos Megalíticos do Concelho de Castelo de Vide*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Pré-história.)
- SOUSA, F. (1999) - *Introdução ao Desenho Arqueológico*. Almada: Câmara Municipal de Almada. Museu. Núcleo de Arqueologia e História.

GRÁFICOS E FIGURAS

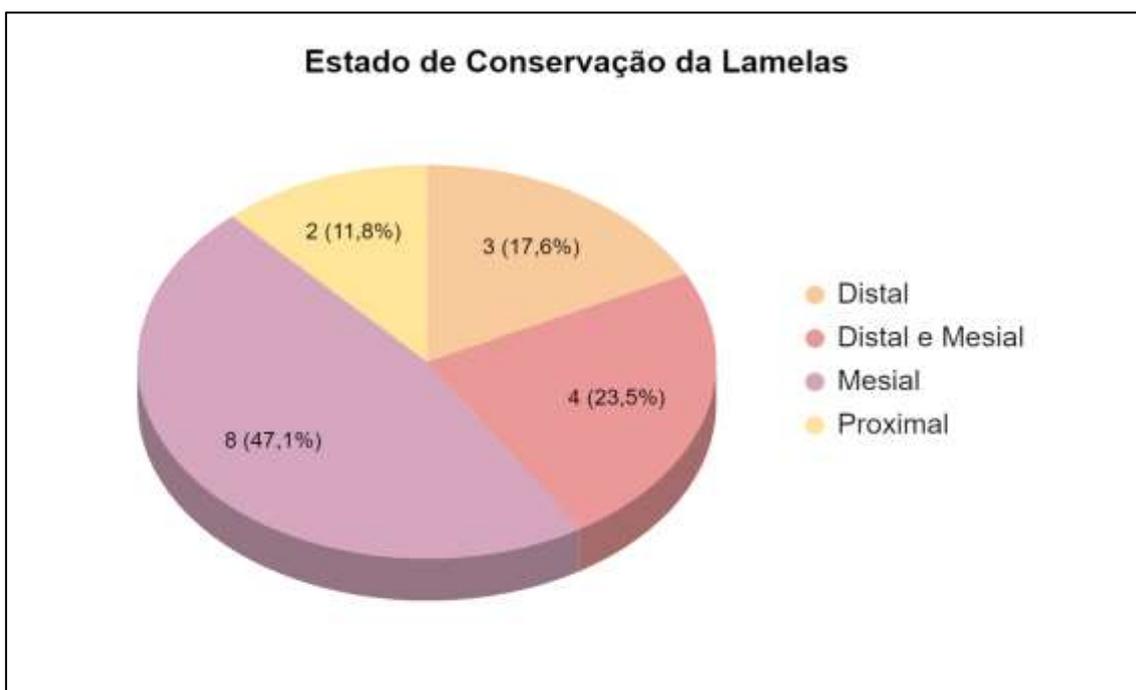


Gráfico 1. Gráfico com o Estado de Conservação das Lamelas da Anta dos Mosteiros.

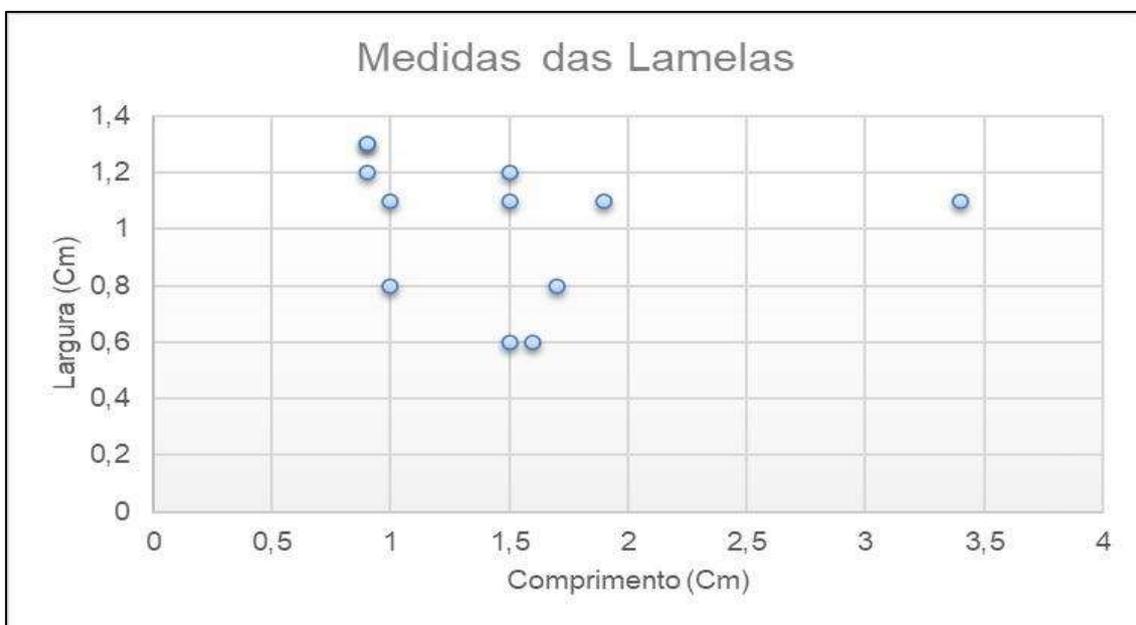


Gráfico 2. Gráfico com as medidas (Comprimento e Largura) das Lamelas da Anta dos Mosteiros.



Gráfico 3. Gráfico com o tipo de tratamento térmicos das Lamelas da Anta dos Mosteiros.

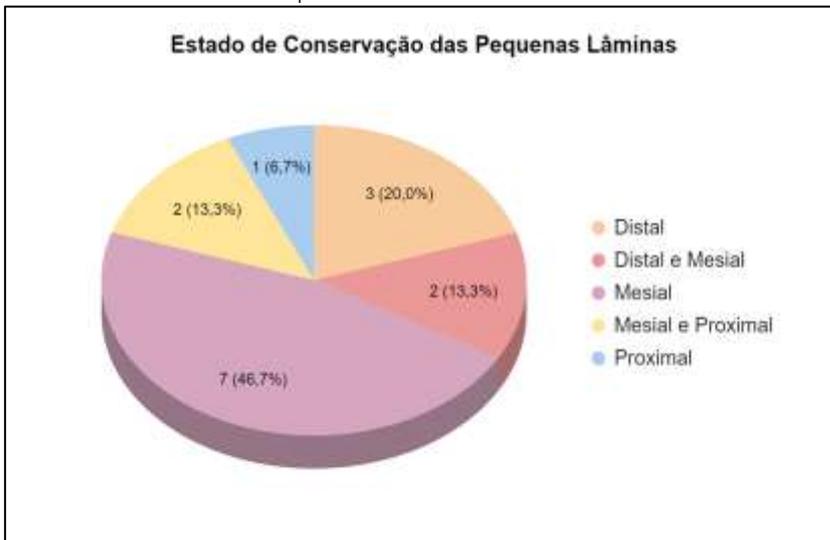


Gráfico 4. Gráfico com o Estado de Conservação das pequenas Lâminas da Anta dos Mosteiros.

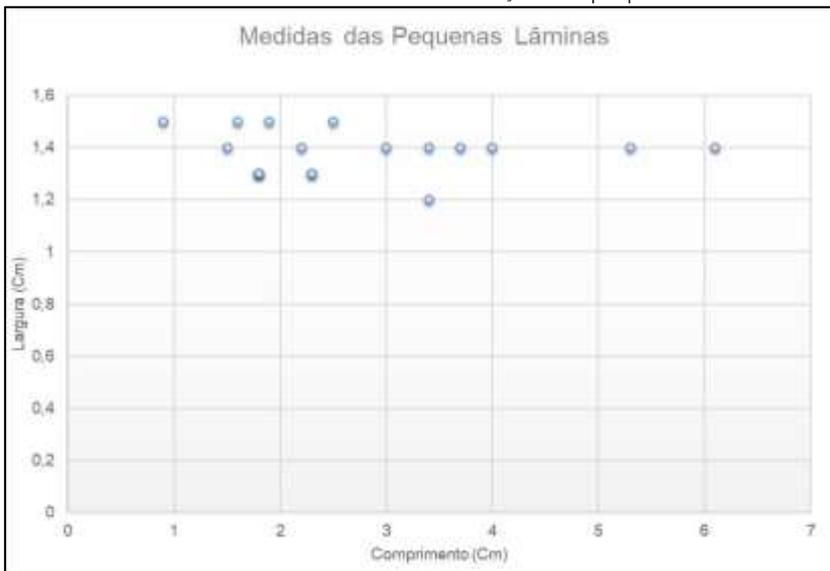


Gráfico 5. Gráfico com as medidas (Comprimento e Largura) das pequenas Lâminas da Anta dos Mosteiros.

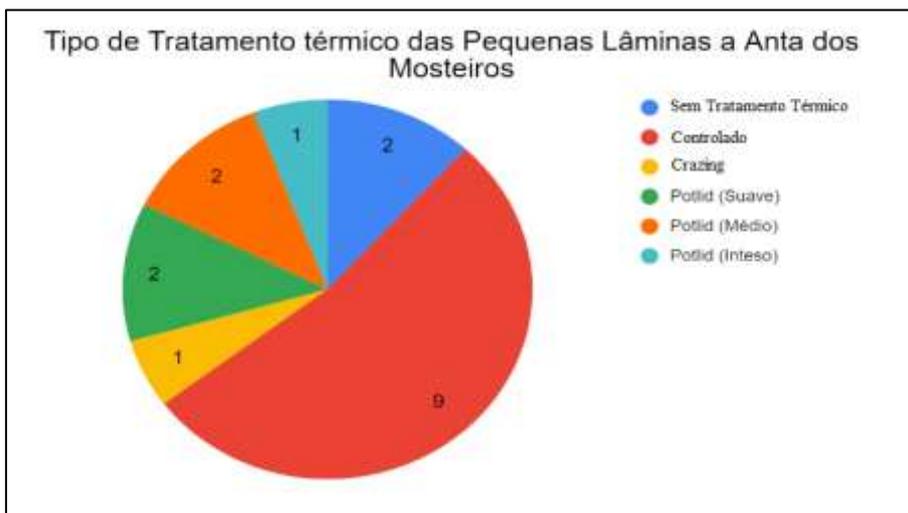


Gráfico 6. Gráfico com o tipo de tratamento térmico das pequenas Lâminas da Anta dos Mosteiros.

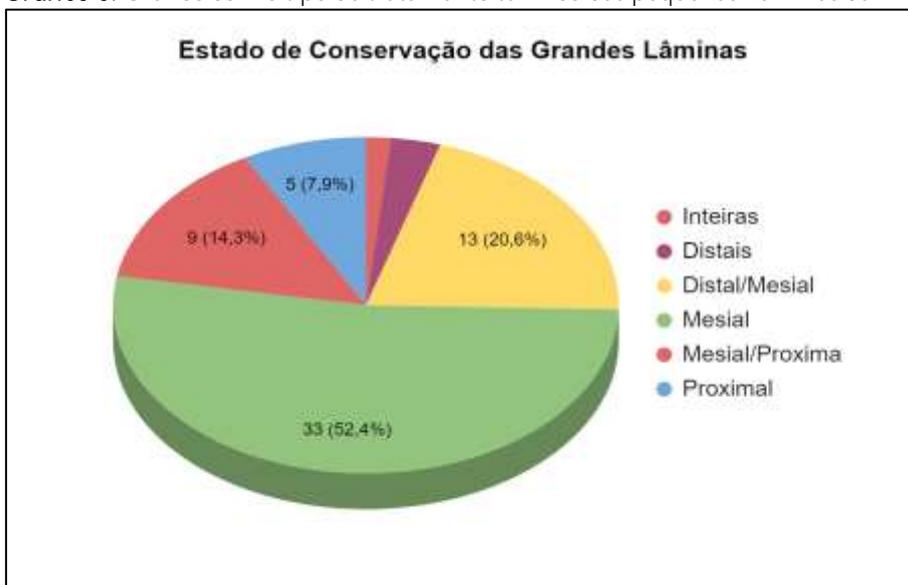


Gráfico 7. Gráfico com o Estado de Conservação das grandes Lâminas da Anta dos Mosteiros.

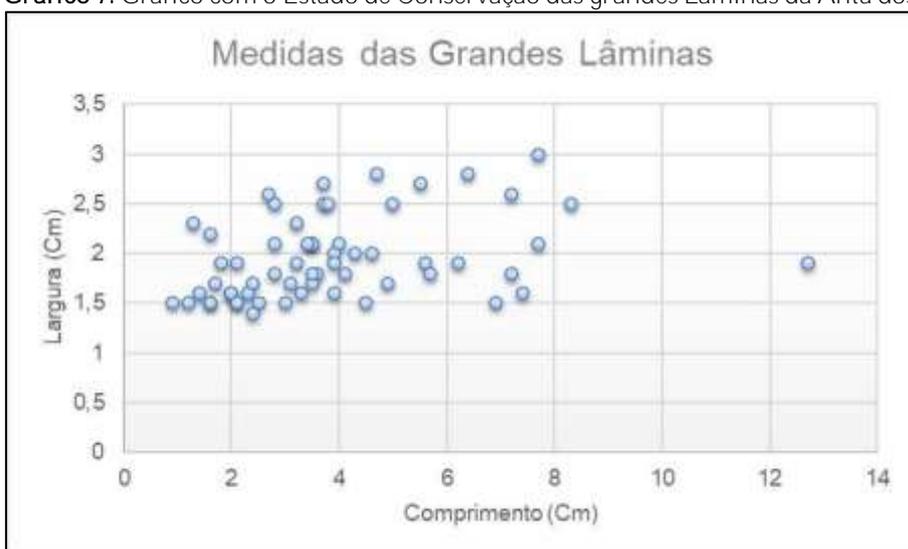


Gráfico 8. Gráfico com as medidas (Comprimento e Largura) das grandes Lâminas da Anta dos Mosteiros

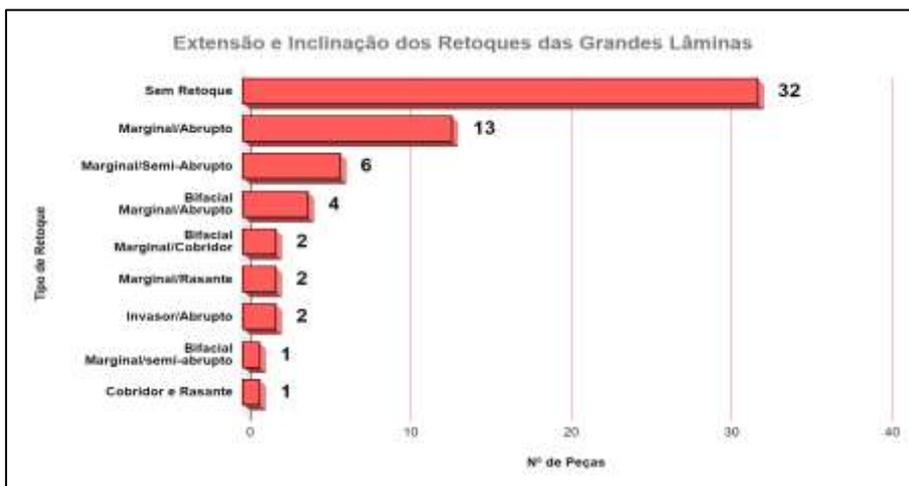


Gráfico 9. Gráfico com a extensão e inclinação dos retoques das grandes Lâminas da Anta dos Mosteiros.

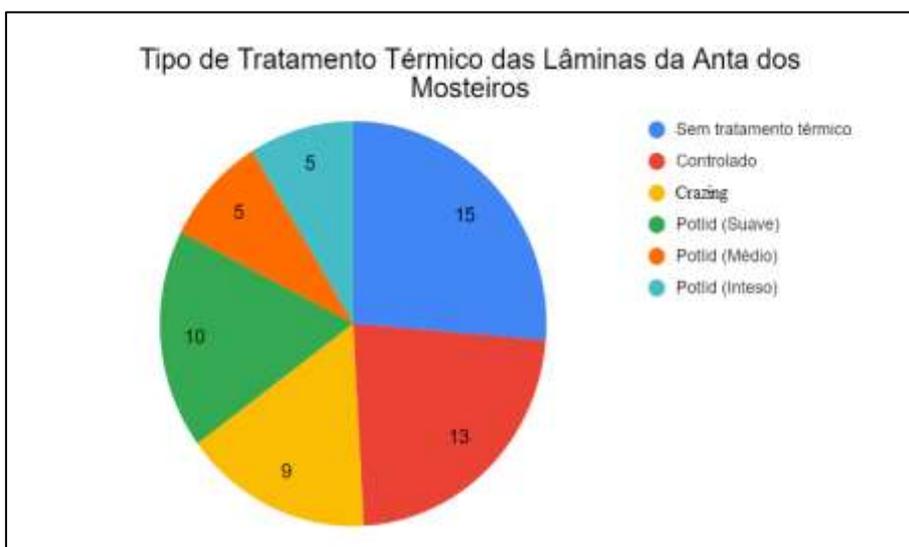


Gráfico 10. Gráfico com o tipo de tratamento térmico das grandes Lâminas da Anta dos Mosteiros.

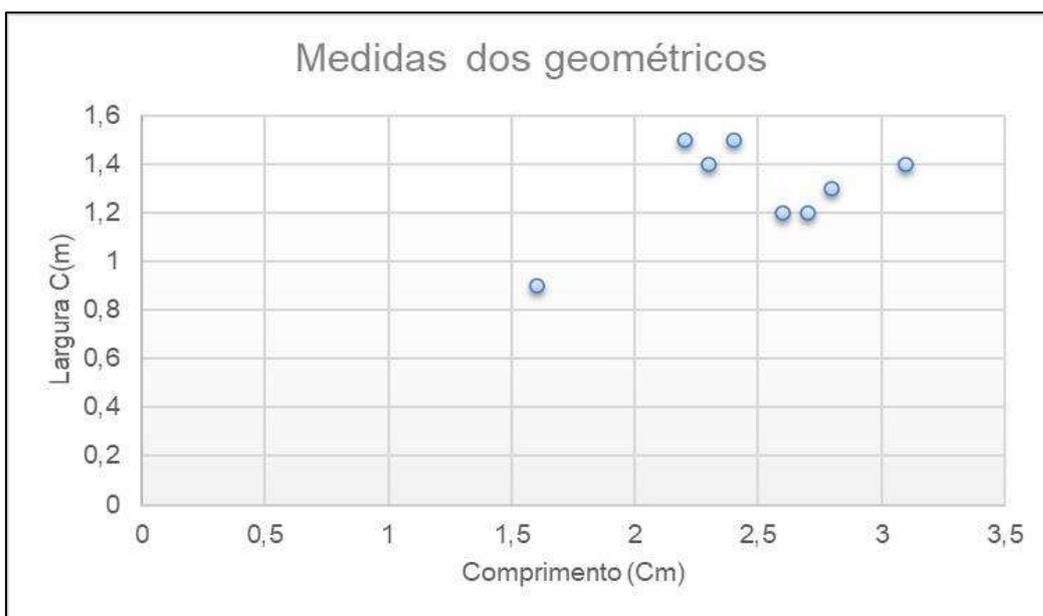


Gráfico 11. Gráfico com as medidas (Comprimento e Largura) dos Geométricos da Anta dos Mosteiros.



Gráfico 12. Gráfico com o Estado de conservação das pontas de seta.



Gráfico 13. Gráfico com a tipologia das bases das pontas de seta da Anta do Mosteiros.

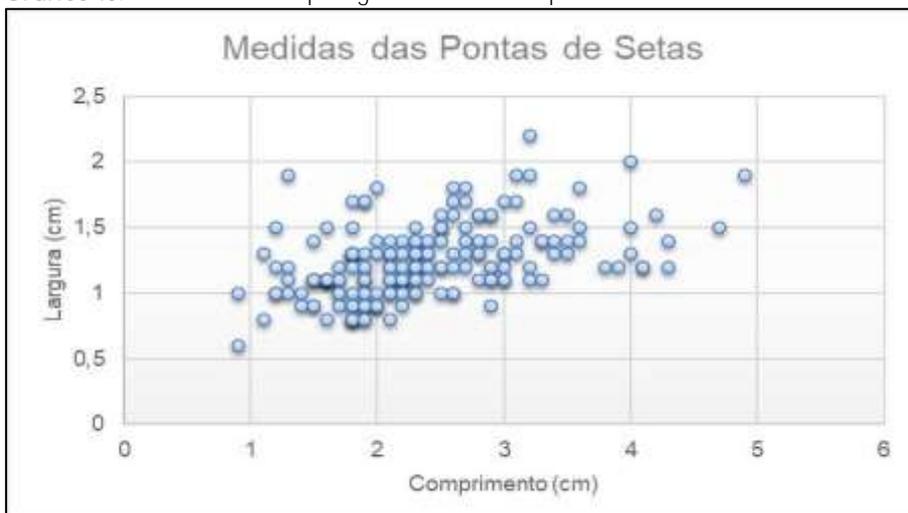


Gráfico 14. Gráfico com as medidas (Comprimento e Largura) das bases das pontas de seta da Anta do Mosteiros.

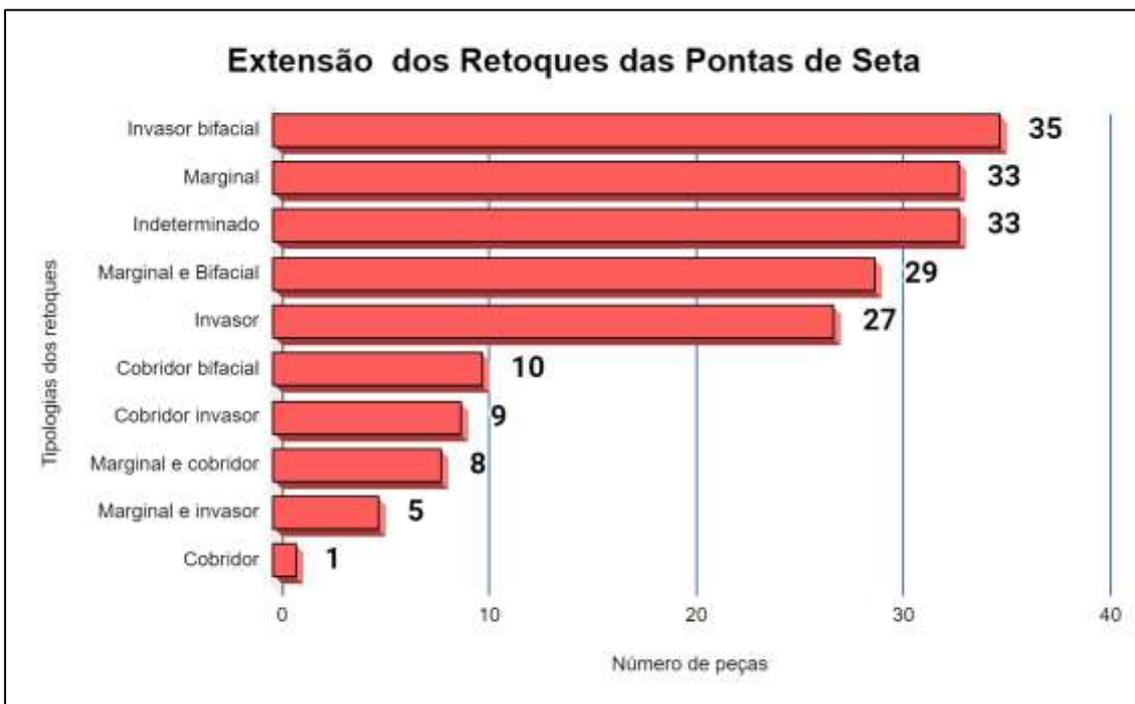


Gráfico 15. Gráfico a extensão dos retoques das pontas de seta da Anta do Mosteiros.

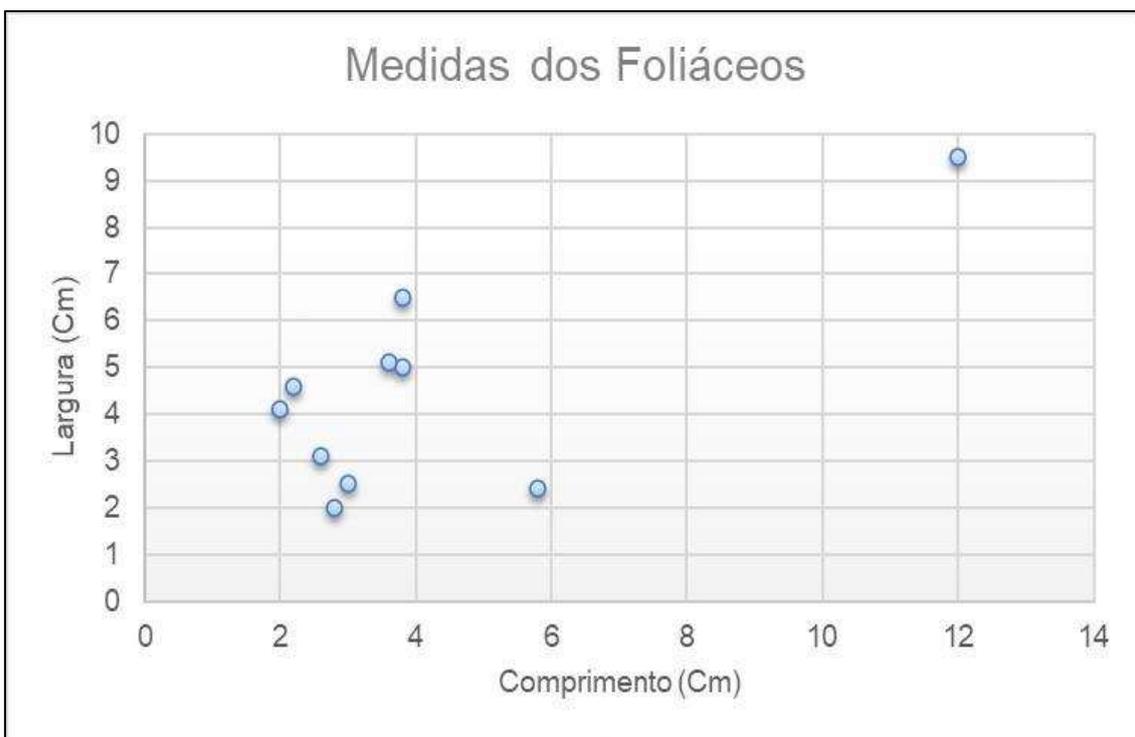


Gráfico 16. Gráfico com as medidas (Comprimento e Largura) dos Foliáceos da Anta dos Mosteiros.

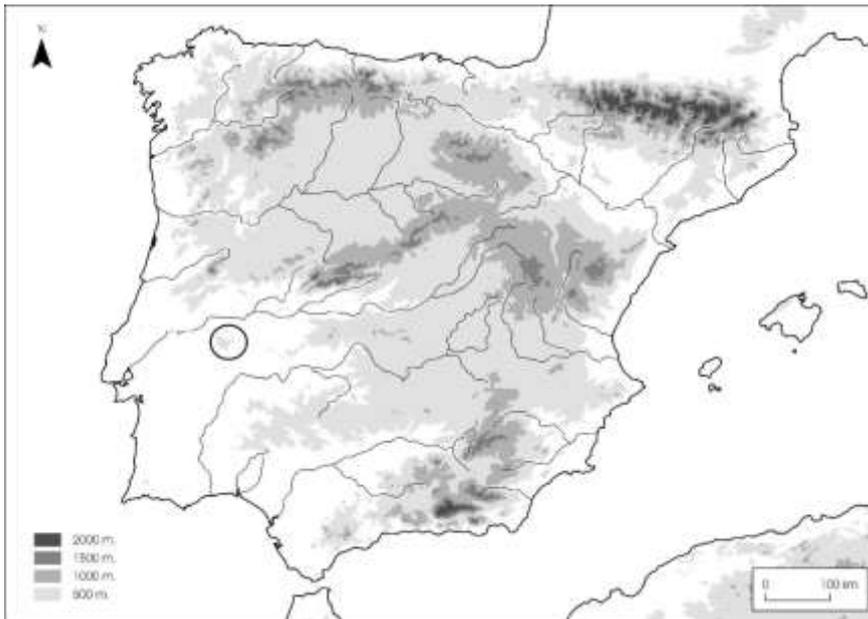


Figura 1. Localização do Concelho de Castelo de Vide na Península Ibérica.



Figura 2. Mapa Geológico com a delimitação do Concelho de Castelo de Vide. (Paroleiro, 2016, 14).

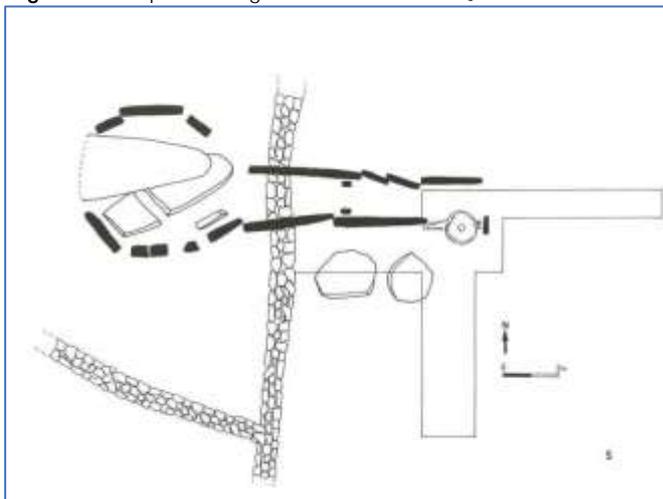


Figura 3: Planta da Anta dos Mosteiros. (Oliveira, 1999/2000, 248)

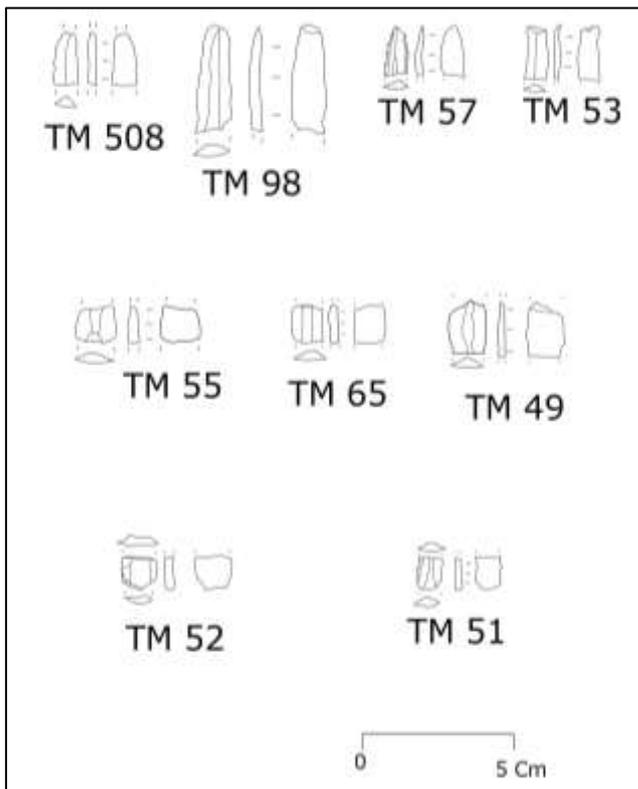


Figura 4. Lamelas da Anta dos Mosteiros - corredor

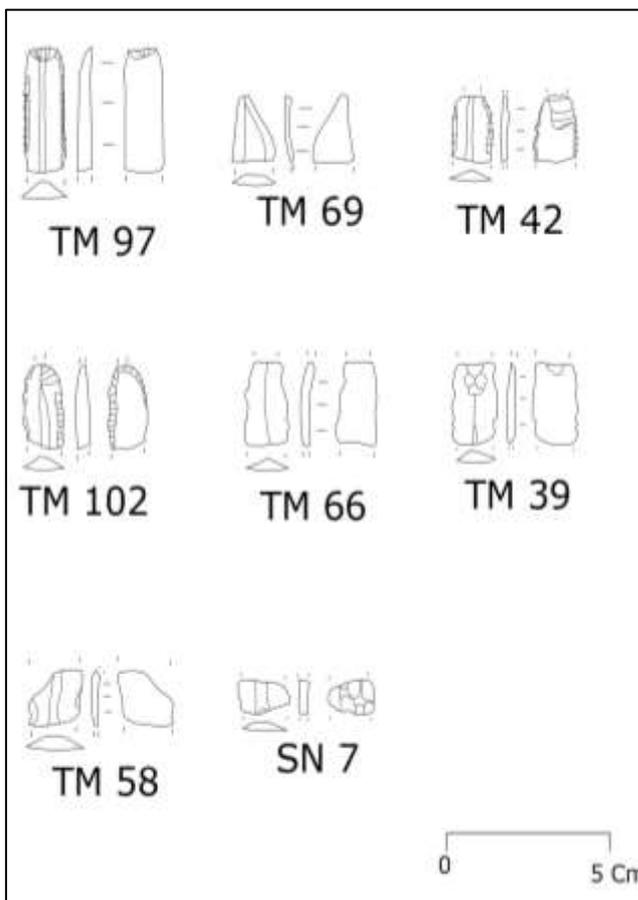


Figura 5. Pequenas Lâminas da Anta dos Mosteiros - Corredor

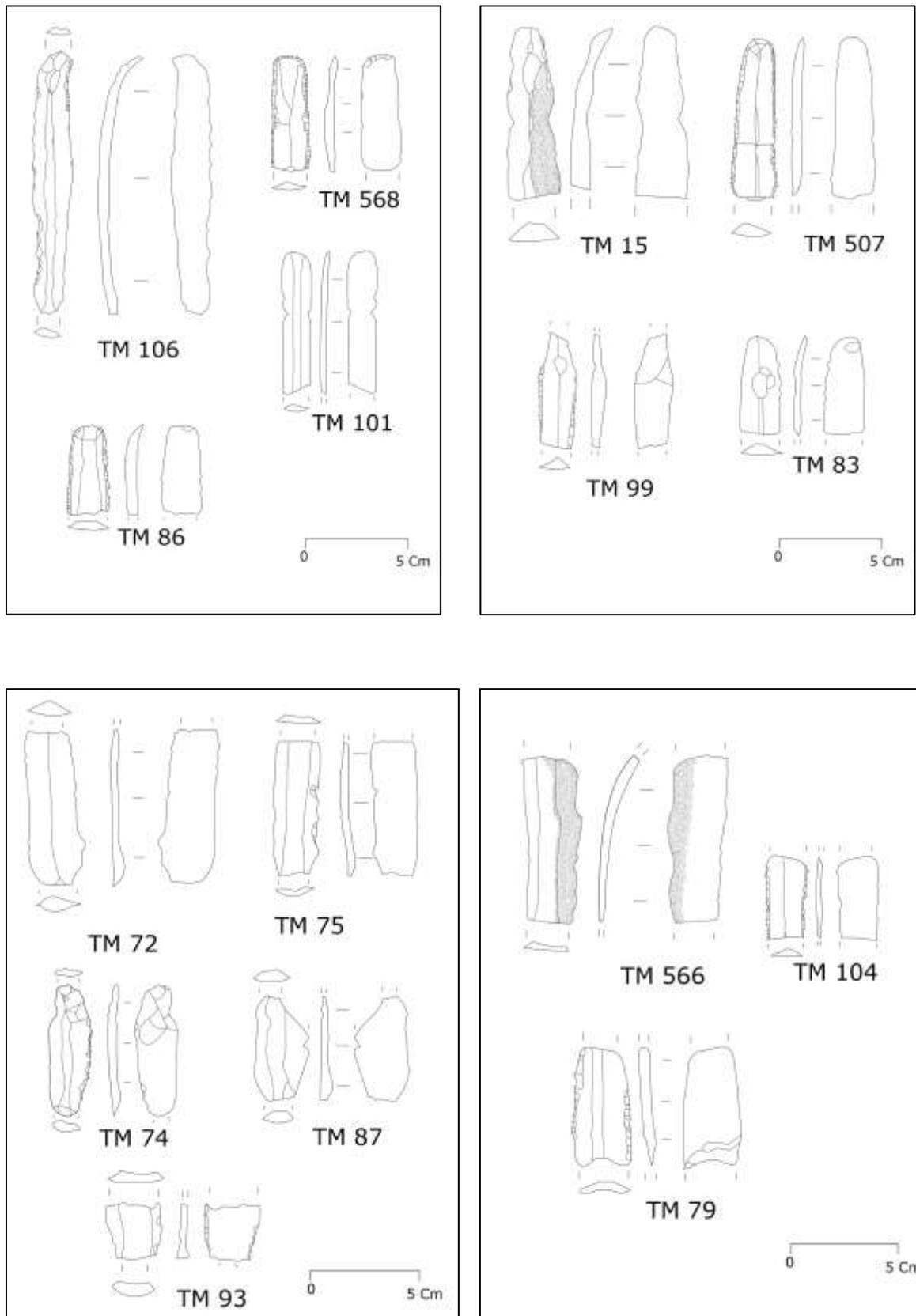


Figura 6. Grandes Lâminas da Anta dos Mosteiros – corredor.

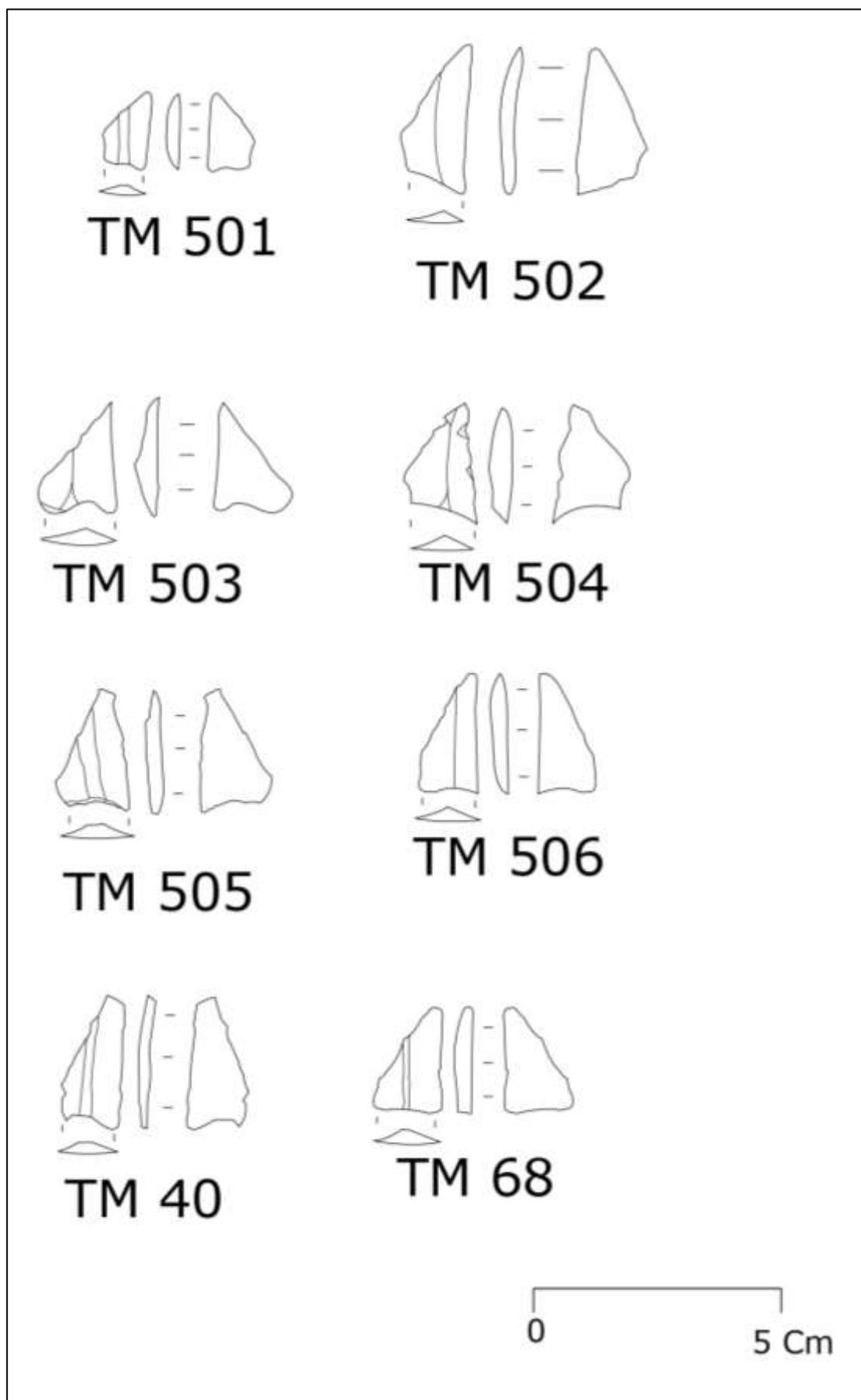


Figura 7. Geométricos da Anta dos Mosteiros – corredor.

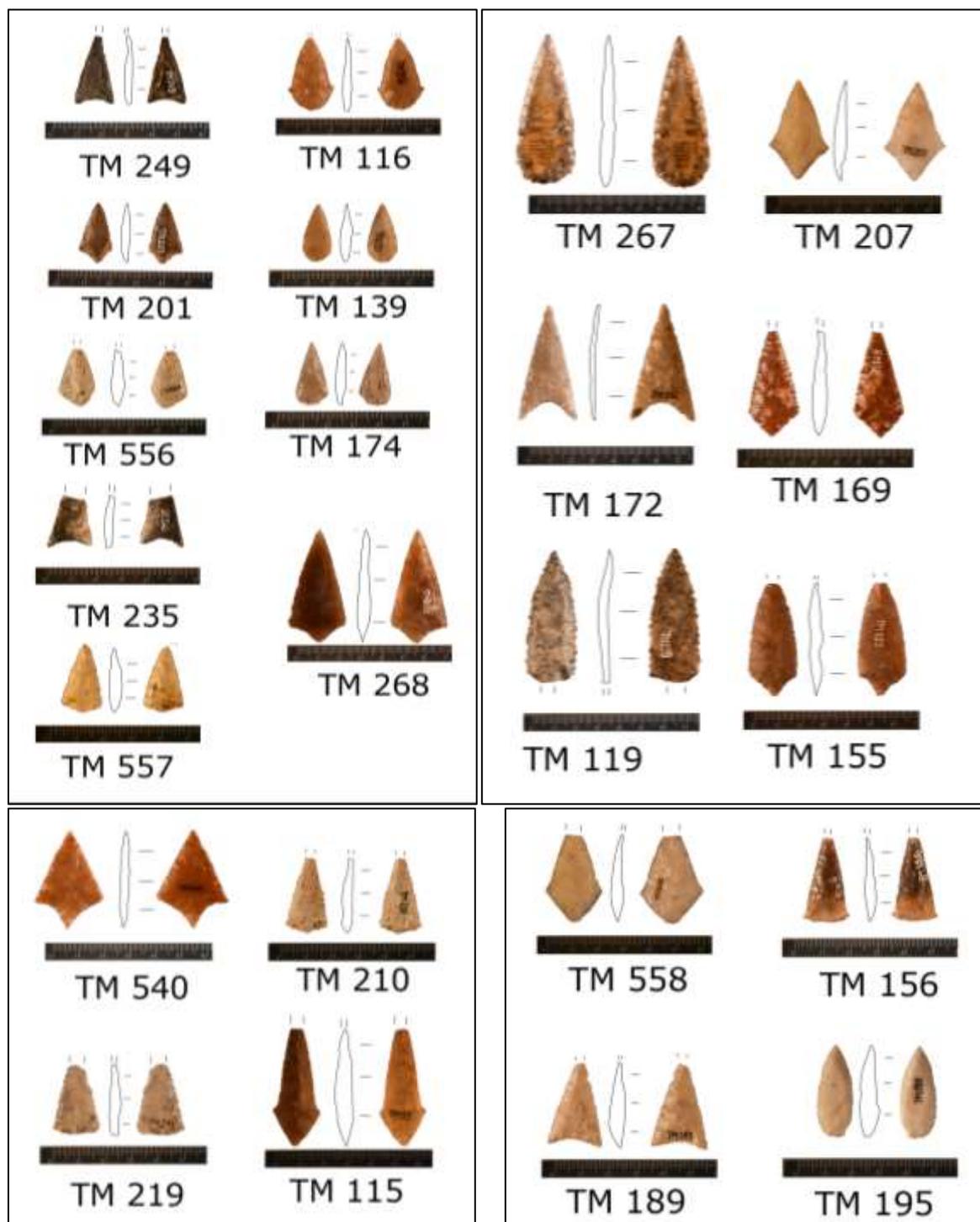


Figura 8. Pontas de Seta da Anta dos Mosteiros - corredor.



Figura 9. Fotografias dos foliáceos



Figura 10. Fotografias dos “Outros”

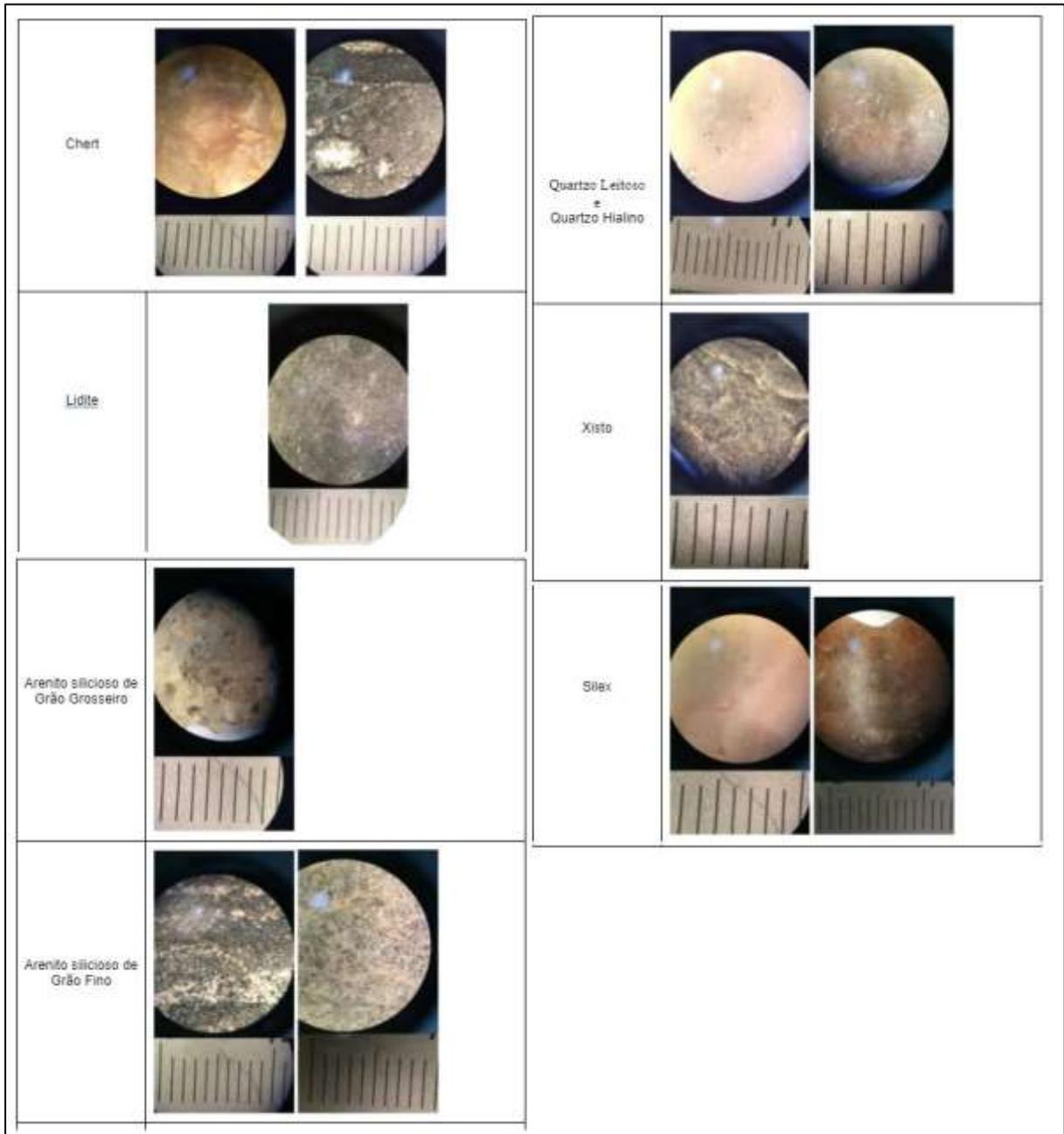


Figura 11. Fotografias das matérias primas, observadas na Lupa Binocular (Olympus SZ61).